

Existem agora cerca de 500 mil fábricas e empresas de mineração na China. Ora, a maior parte é concebida de modo absolutamente antiquado, segundo os piores modelos industriais que existiam na Europa no início do século, e os operários trabalham em condições deploráveis. Mas onde houve criação moderna se obedeceu ao tipo das “cidades industriais”, maciçamente concentradas enquanto indústrias, mas situadas a boa distância das cidades de moradia. Para Xangai, há cidades-satélites operárias, morando os trabalhadores nesses locais em imóveis do tipo residências populares muito proletárias. A fábrica ao lado da residência. Mas os operários preferiram deixar suas famílias na casa da família em Xangai: ora, não há qualquer comunicação entre esse centro e essas cidades industriais (em geral, a 30 km do centro). Os operários vivem, portanto, como celibatários, separados da família, que encontram uma vez por semana. . .

A proletarização marca-se também pelo envio autoritário de mão-de-obra, de quadros, etc., à colônia chinesa do Tibete (em relação ao qual nunca será bastante repetir que foi invadido à força, que foi incorporado à China pela violência depois de uma guerra dura, que é uma pura e simples colônia do tipo imperialista). Os chineses raramente são voluntários para ir ao Tibete. São enviados autoritariamente (vários milhares de quadros e engenheiros em julho de 1979). E o enorme, difícil trabalho de abrir estradas (a 4 mil metros de altitude) não decorre da iniciativa das populações que valorizam sua região, mas da coação de uma mão-de-obra chinesa, retirada de sua província, exportada, colocada à força no trabalho e mantida no local por coerção. A colonização ligada à proletarização, é natural!

Mas dissemos que uma das características do proletariado é o desemprego, que encontramos na URSS e que reencontramos na China. Não são mexericos de antichineses: o vice-primeiro-ministro Li Xiannau anunciava, em 1979, 20 milhões de desempregados nas cidades. Em 1980, pode-se estimar, com validade, 26 milhões de desempregados, ou seja, 10% da mão-de-obra útil. Como responder a isso? Houve o envio oficial de 1 milhão de jovens para zonas rurais desocupadas e outros ambientes hostis. Mas o desemprego só pode aumentar: entre 1980 e 1985, prevê-se um crescimento das perdas de jornadas de trabalho nas cidades de mais de 3 milhões por ano. Mas ao mesmo tempo há, a cada ano, 10 milhões de jovens que atingem a idade de trabalhar! E é preciso acrescentar a isso o fato de que

numerosas fábricas não-rentáveis são fechadas (mais uma vez, tecnicização e rentabilidade produzem desemprego). Há então duas grandes tentativas: a criação nova, artificial, de pequenos centros industriais extra-urbanos e o desenvolvimento fulminante do trabalho temporário, sazonal, pago por dia, com contratação por organismos de trabalho temporário (semelhantes às agências de trabalho temporário na França, como a Manpower). Em outros termos, é a constituição de um verdadeiro mercado de trabalho, diante do qual as “Agências de Trabalho Estatais” renunciam a proceder a colocações oficiais com designação de função. Quer dizer, o trabalho obedece agora à lei do mercado. Isto é, muito exatamente, a força de trabalho tornou-se na China uma *mercadoria*. Além disso, o desemprego acarreta o crescimento de uma delinquência urbana. Não sou eu quem faz a aproximação “classe proletária-classe perigosa”, são os melhores especialistas de esquerda da sociedade chinesa, que criticam a política de Deng como revisionista! Mas outros inúmeros índices caracterizam esse proletariado. Não hesito em colocar entre eles a campanha “uma criança por família” lançada em agosto de 1979. É preciso a todo custo limitar o crescimento demográfico (sobretudo nas classes pobres), mas esse projeto é viabilizado através de meios que fariam berrar os ocidentais: trata-se de esterilizar homens e mulheres. Isso ainda não é obrigatório. A agência Nova China explicou a necessidade dessa medida para permitir a melhoria do nível de vida e garantir a formação técnica dos jovens, que não devem ser muito numerosos. Para encorajar a aceitação da esterilização, adotaram-se medidas financeiras muito severas: as famílias que tenham uma só criança receberão um bônus e essas crianças terão acesso prioritário às creches, aos cuidados médicos, à escola e ao emprego. As famílias com três crianças serão punidas com uma multa anual de 10% do salário. . .

Mas o que manifesta mais que tudo a entrada no proletariado é o acontecimento gigantesco que se deu em agosto de 1979: “a exportação de mão-de-obra”. A China decidiu exportar sua principal matéria-prima: o homem. Começou-se “alugando” — mas de fato é uma verdadeira venda — 400 mil operários chineses a uma firma italiana (a companhia Italsat), uma das sociedades do grupo *nacionalizado* italiano, o Instituto de Reconstrução Industrial. Trata-se de exportar os trabalhadores para executar trabalhos de engenharia civil em países do Terceiro Mundo. Consta que a sociedade italiana pagará global-